

Editorial

Ao Professor Luís Fernandes dos Santos Nascimento
(*in memoriam*)

A Revista *Ipseitas* publica esta nova edição temática, resultante do XI Encontro do GT de Filosofia Francesa Contemporânea (Anpof), evento realizado em ambiente virtual durante os meses de agosto e setembro de 2023. O evento contou com apoio institucional do Grupo de Estudos e Pesquisa em Estética (GEPE) e do Núcleo de Extensão e Pesquisa Filosófica (NUPEF) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), além do suporte técnico e da equipe de mediação que possibilitou sua realização através da plataforma de transmissão on-line. Agradecemos a todas e a todos, em especial, a Diego Warmling, Camila Carpen, Tássia Vianna, Lucas Lopes, Caio Souto, Josemary da Guarda e Kássia Ellen Vitorino da Silva. Também agradecemos aos editores da Revista *Ipseitas* (UFSCar) e da Revista *Ética e filosofia política* (UFJF) pela parceria na edição destes dois números que compõem o Dossiê e que fortalece a divulgação científica da produção em Filosofia.

A proposta do XI Encontro do GT de Filosofia Francesa Contemporânea foi recebida com entusiasmo pela comunidade acadêmica, visto que a chamada inicial para apresentação de trabalhos registrou mais de 80 resumos. Os 52 trabalhos selecionados foram organizados em 4 mesas redondas (sobre o pensamento de Foucault, Merleau-Ponty, Sartre e Simone de Beauvoir, respectivamente) e 7 mesas de comunicações sobre essas e outras perspectivas acerca do tema proposto. Além disso, convidamos a professora Débora Morato Pinto (UFSCar) para proferir a conferência de abertura: “O reposicionamento do dualismo em Bergson: uma nova aliança entre filosofia, ciência e arte”. Reforçamos aqui o nosso agradecimento pelo apoio constante. Contamos também com a participação das professoras Geovana da Paz Monteiro (UFRB) e Carolina de Souza Noto (UFSC) na equipe de mediação, às quais agradecemos a colaboração.

Destacamos a importância deste evento, não só pela possibilidade de reunir especialistas de todas as regiões do país, mas também pela provocação dos debates entre professores e alunos de pós-graduação (mestrado e doutorado), que permanecem à disposição do público interessado no canal YouTube do Curso de Filosofia da UFRB: <https://www.youtube.com/@FilosofiaUFRB/featured>.

No último dia do XI Encontro, a coordenação convocou uma reunião do Núcleo de sustentação do GT para formar a Comissão científica que conduziria a chamada de artigos para publicação. Foram selecionados 14 trabalhos, distribuídos nos dois volumes deste Dossiê, intitulado: “Vida, arte e pensamento: perspectivas da filosofia francesa contemporânea”. Agradecemos às professoras Débora Morato Pinto, Thana Mara Souza e ao professor Luciano Donizetti pela colaboração nessa importante etapa.

Neste primeiro volume, reunimos uma coletânea de seis artigos que abordam a relação entre vida, arte e pensamento de diferentes pontos de vista, que convergem de algum modo na perspectiva do existencialismo francês, incluindo outras vertentes que dialogam com essa corrente de pensamento. Assim, a ênfase na obra de Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir se dilata na consideração de escritos de Albert Camus e

Pier Paolo Pasolini, estabelecendo um campo de investigação mais amplo em torno do tema proposto.

Agradecemos às autoras e aos autores pela inestimável contribuição, que agora oferecemos aos leitores como resultado de pesquisas acadêmicas na área de filosofia. Antes, permitam-me apresentar uma síntese dos trabalhos, na esperança de encontrar o liame entre vida, arte e pensamento que inspira este Dossiê.

Sem ir mais longe, no capítulo 1 — “Liberdade e revolução: a obra de arte como reinvenção da vida”, Luciano Donizetti interpreta a “ontologia fenomenológica” de Sartre como uma filosofia “que se volta para a vida”, entendida a partir das escolhas que fazem da liberdade o fundamento do ser humano. Nessa leitura, a arte é a “chave para a liberdade”, visto que promove a “libertação metafísica” da humanidade. O ser humano é artista de si mesmo? A arte imita a vida ou esta imita a arte? A partir dessas questões, o artigo articula a relação entre obra de arte e criação, assinalando na vontade do artista o desejo de criar a obra, fruto de um pensamento, de uma ideia. Esta seria a origem ontológica da arte, que nasce da liberdade como realização da vida.

No capítulo 2 — “Sartre e o escritor como intelectual”, Renato Belo aprofunda o pensamento sartreano a respeito da obra de arte ao indagar, nas conferências do Japão (1965) e no texto *Que é a literatura?* (1947), se o escritor (literato) também é um intelectual. O termo intelectual, na França do século XIX, remete justamente ao escritor Émile Zola e ao “Caso Dreyfus”, mas remonta à noção de “autonomia racional” a ao “ideal de emancipação do pensamento” dos “*philosophes*” da ilustração francesa e, posteriormente, do marxismo. O artigo concebe a obra de arte literária como “expressão de um engajamento” que manifesta o ser-no-mundo do escritor, o paradoxo da própria experiência vivida.

No capítulo 3 — “Dois caminhos para se pensar a arte em Sartre: a beleza entre a retração e a expansão”, Vinicius Hoste faz uma terceira incursão no pensamento sartreano, assinalando dois tipos de inspiração ou “imaginação estética” na criação artística: uma retraída e a outra expansiva. O artista retraído não busca iluminar o caráter absurdo da existência, mas atenuá-lo, ao passo que a criação expansiva se interessa por essa “unidade explosiva” da obra que revela sua absurdidade. Assim, a relação entre criação e inspiração artística é abordada a partir das intenções que movem cada artista a criar, confrontando a obra do pintor André Masson com a do escritor Jean Genet.

De tal modo, a caracterização do absurdo conecta os estudos sartreanos com o pensamento de Camus. No capítulo 4 — “Vivenciar o absurdo, questionar o mundo: a estrangeiridade em Albert Camus”, André Spinelli postula o conceito de estrangeiridade como uma das expressões do absurdo camusiano na relação homem-mundo. A obra “O Estrangeiro” mostra a indiferença do personagem Meursault nas relações sociais bem como a percepção de um mundo carente de respostas existenciais. A “experimentação cotidiana do absurdo” tem como correlato “uma sequência de instantes” sem sentido que faz a noção de absurdo brotar do “sentimento de gratuidade da vida”.

Na linha da filosofia existencialista, no capítulo 5 — “O lugar do tempo: sobre *Por uma moral da ambiguidade*, de Simone de Beauvoir”, Marcelo Norberto busca caracterizar uma “ética existencial” cuja marca é a temporalidade do presente: o “compromisso irrevogável com o presente”. Quando a ética não depende mais da orientação nem na finalidade, abre-se a possibilidade de uma moral que consiste em “se colocar no

presente”, no tempo humano, para pensar a postura diante da vida, uma “conduta ética”. Esta compreensão fenomenológica da vida, radicalizada pelo existencialismo, leva Simone de Beauvoir a “discutir a questão da mulher a partir de sua inserção no tempo presente”, na sociedade e na cultura, como o “aventureiro” que afirma sua existência sem ter um fim para nortear sua vida e intensifica sua “gratuidade de viver”.

Por fim, no capítulo 6 — “Poesia e *luce*: Pasolini e o devir”, Vladimir Santafé propõe um deslocamento da questão da imagem com base na leitura de Didi-Huberman sobre os “vaga-lumes de Pasolini” para pensar uma “política menor”, isto é, a resistência dos povos-vaga-lumes. Didi-Huberman trata dos “infernos”, das “tensões dialéticas entre as sombras humanas e a luz divina” e confronta o pensamento de Pasolini com o de Heidegger, que alerta para o pensamento da técnica. O artigo atravessa textos de outros autores como Gilles Deleuze, pela sua concepção do devir e do tempo: “precursor da vida e abertura para o mundo”, algo que se aproxima da explicação de Tarkovski sobre como as “séries heterogêneas” que formam e direcionam o devir operam no cinema.

Certamente, esses seis artigos não esgotam os debates promovidos pelo XI Encontro do GT de Filosofia Francesa Contemporânea, mas em conjunto com os oito artigos do segundo volume — editado pela *Revista Ética e filosofia política* (UFJF) — oferecem uma perspectiva abrangente, capaz de renovar o interesse pelos estudos realizados nas diversas universidades públicas do Brasil e fomentar o diálogo com leitores e leitoras que buscam aprimorar conhecimentos filosóficos. Boa leitura!

Pablo Enrique Abraham Zunino
Organizador